*ISBN 978-85-7846-455-4*

**ANÁLISE ANTROPOLÓGICA: MÚSICA “A NOVIDADE”**

Sergio Paulino de Araujo

Universidade Estadual de Londrina

sergiopedagogia2016@gmail.com

Vanessa Dantas Vieira

Universidade Estadual de Londrina

vdantasvieira@gmail.com

Eixo 2: Educação, Diversidade e Direitos Humanos

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir e analisar antropologicamente a música “A Novidade”, buscando compreender os signos, metáforas e paradoxos presentes na essência da composição. A análise justifica-se pela contribuição social da canção, que apesar de ter sido composta há quase três décadas, sua crítica social continua válida em relação aos dias atuais, pois as relações de poder entre dominantes e dominados que permeavam a sociedade brasileira nos anos 1980, continuam intactas na atualidade. Por este motivo vale de fato o esforço em conhecer a música e buscar interpreta-la reflexivamente, descobrindo algumas ideias presentes, associando-as ao pensamento de alguns filósofos como Marx, Platão e Rousseau. Ao analisar a letra da música, podemos encontrar argumentos que revelem a desigualdade social presente historicamente na sociedade brasileira. A metodologia utilizada para elaboração do presente trabalho é de cunho qualitativo, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e textos, com relevância para a temática abordada, com objetivo de auxiliar o embasamento teórico no desenvolvimento desta análise.

**Palavras-chave**: Desigualdade. Filosofia. Mito.

**Introdução**

O presente artigo tem por objetivo analisar os aspectos antropológicos da cultura brasileira, presentes na música “A novidade”, composta por Gilberto Gil em parceria com Herbert Vianna, para o álbum “Selvagem?” (Imagem 1), da banda musical: “Os Paralamas do Sucesso”, lançado em 1986.

Imagem 1 – Capa do álbum: Selvagem?



Fonte: Página Discogs[[1]](#footnote-1)

 A referente música tem como fundo a temática sobre a desigualdade social, tema que faz parte de diversas canções dos compositores, expressado em seu gênero musical que mistura mpb, pop, rock e reggae. É importante destacar que a composição de uma música, qualquer que seja o gênero musical, está diretamente relacionada com a percepção e a criação subjetiva dos indivíduos, de forma que a interpretação proposta pode não ser verdadeira, embora o próprio autor, ao referir-se à música, comenta:

O tema da desigualdade sempre fez parte do modo de inserção da minha geração na discussão dos problemas da sociedade; do nosso desejo de expressá-los. Universitário por excelência, o tema é portanto anterior e recorrente em meu trabalho. Está em Roda, em Procissão, em Barracos. Agora, em A Novidade, a imagem da sereia é que dá a partida para o tratamento da questão; a novidade é essa. Pode-se imediatamente pensar no Brasil, mas é sobre o Terceiro Mundo em geral; mais: sobre todo o 'mundo tão desigual', mesmo, de que fala o refrão (MOREIRA, 2014, p. 1).

A música foi composta no período em que o Brasil, passava por um momento de crise política e econômica, herança deixada pelo período de ditadura civil militar vivenciado pelo país, caminhando para a consolidação de um regime político democrático.

A população brasileira, em especial a classe artística não estava satisfeita e reivindicavam mudanças no cenário político, por meio de manifestações populares como exemplo o movimento “Diretas já” de 1985, reivindicando eleições gerais com a participação do povo exercendo a cidadania por meio do voto direto, que havia sido negado. O primeiro presidente civil eleito pós-regime militar foi Tancredo Neves, por meio de eleição indireta feita pelo congresso nacional em 15 de janeiro de 1985, falecendo em 21 de abril do mesmo ano, vindo a assumir o cargo de presidente o então vice-presidente José Sarney, ficando responsável de levar o país de volta para as vias democráticas e pela construção de uma nova constituição. Enquanto a classe dominante composta por grandes empresários, banqueiros e fazendeiros, eram privilegiados e protegidos pelo Estado, podendo desfrutar, em parte dos benefícios econômicos proporcionados pela produção industrial de bens de consumo duráveis (automóveis, máquinas, eletrodomésticos etc.) e pela exportação de produtos agrícolas (soja, carne, frutas etc.), a massa assalariada diminuía por conta do aumento do desemprego e do arrocho salarial, onde os reajustes do salário da classe trabalhadora não acompanhavam a inflação. Houve reflexos das mudanças no campo, devido a modernização da agricultura, resultando em um processo de crescente êxodo rural, ou seja a expulsão do trabalhador rural do campo para a cidade. A década de 1980, ficou conhecida como a “década perdida”, por trazer consigo além de mudanças políticas, também trouxe significativas alterações de ordem econômica, política, social e também demográfica para o país. As consequências políticas sobrevivem até os dias atuais, visto que apesar da redemocratização política e abertura econômica, os menos abastados não tiveram até o presente momento, assegurado o direito à alimentação, ao emprego, à saúde, à educação e à moradia. A dívida social do pais com os pobres ainda não foi sanada.

A presente análise justifica-se pela contribuição da música “A novidade”, que apesar de ter sido composta há quase três décadas, sua crítica social continua válida em relação aos dias atuais, pois as relações de poder entre dominantes e dominados que permeavam a sociedade brasileira nos anos 1980, continuam intactas nos dias atuais. O atual contexto político econômico nacional é marcado pela grave recessão econômica que tem afetado o país, incidindo diretamente sobre a classe trabalhadora, ocasionando desemprego e aumento das desigualdade sociais. O cenário político é de corrupção generalizada nos três poderes, tendo a operação lava jato como símbolo de como a corrupção está impregnada na política nacional. O impeachment da presidente Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016, motivado pelo crime de responsabilidade fiscal denominado como “Pedaladas Fiscais”, cometido por seu governo, sendo empossado em seguida pelo senado nacional o vice-presidente Michel Temer, tendo em seu governo manchado por escândalos de corrupção. O presidente e os ministro, rotineiramente são denunciados por envolvimento com recebimento de propina do setor privado.

A sociedade brasileira por sua vez tem se posicionado indignada com esse contexto de crise no âmbito ético da política que tem afetado a economia de forma significativa. Passa a buscar vias de protesto em rede sociais, grandes atos de manifestações públicas, teatro, cinema e nas sátiras humorísticas veiculadas na mídia tradicional e digital, mas com pouco destaque no cenário musical.

A metodologia utilizada para produção desse artigo baseou-se em uma numa abordagem qualitativa que se esforçou para realizar uma análise crítica da música, considerando as contribuições bibliográficas de Descartes (1973), Marx (1844), Platão (1996), Prado (2007), Rocha (1996), Rousseau (1973).

**Mito e filosofia**

Segundo Rocha (1996), o conceito mito compreende uma forma do ser humano expressar seus sentimentos, fazer questionamentos sobre sua própria existência, buscando a compreensão do mundo em que vive, questionando a organização da sociedade que faz parte, por meio de um discurso narrativo especial, diferente dos discursos que se perdem no tempo, por não possuírem valores culturais que possam ser repassados pelas diversas gerações da sociedade humana. A palavra mito em si carrega muitos significados contraditórios que são reflexo da própria sociedade que formula o mito, deixando marcas da própria contradição de vida do homem. O mito alicerça-se em uma ideia de um fato histórico que aconteceu de forma especial, difícil de distinguir entre a realidade e a irrealidade. A mensagem carregada pelo mito é de forma codificada, exigindo a reflexão de quem pretende decifra-la, podendo ter sentido diverso de um indivíduo para o outro. O mito apresenta a simbologia como uma ferramenta para expressar seus códigos, fazendo uso de personagens sobrenaturais, deuses e heróis, em sua narrativa. Essa simbologia mistura-se aos acontecimentos da realidade, característico da sociedade humana. Nas civilizações os homens existiram realmente no decorrer da história, porém os fatos acontecidos são contados e explicados de forma figurada. O mito tem como objetivo a transmissão do conhecimento produzido pela sociedade humana, buscando explicar fatos em que a ciência em determinado período da história não teve maturidade para explicar como exemplo os fenômenos naturais que são explicitados sob a forma de danças, orações e sacrifícios de animais. Um determinado mito também implica na função de manifestar algo de maneira mais forte ou de explicar temas desconhecidos pelo homem, tornando os acontecimentos naturais do mundo algo menos estranho para o ponto de vista do olhar humano. A mitologia compreende o estudo do mito, suas origens e significados de uma maneira abrangente. Os mitos mais populares fazem parte da cultura ocidental, sendo disseminados historicamente por séculos, como exemplo os da Grécia Antiga, compreendendo a mitologia dos deuses gregos, expressando o pensamento, conhecimento, a visão de mundo da sociedade grega na antiguidade. Os mitos da mitologia grega são representados pelos deuses do Olimpo; Zeus, Atena, Afrodite, Hades, Poseidon, Hera, Apolo, Ártemis, Ares, Cronos, Hermes e Hefesto. Na mitologia grega também havia os chamados heróis mitológicos, filhos de deuses com humanos, seres híbridos, representados por Hércules, Aquiles e Héracles. E também havia os seres mitológicos compreendendo Ninfas, Sátiros, Minotauros, Sereias, Nereidas, Górgonas e a Quimera. O mito e a filosofia foram considerados opostos historicamente, devido ao fato de a filosofia ter sido concebida como a busca pelo saber racional, oposta a mitologia e sobrepondo ele perante o pensamento ocidental por séculos.

Segundo Prado (2007), filosofia é o pensar sobre o conhecimento, pois seu objeto de estudo é o próprio conhecimento, diferente da ciência, visto que a filosofia não é uma ciência, porque ciência é um conjunto de conhecimentos específicos sobre determinado objeto. A filosofia não é um objeto, não é específica, é o ato de pensar sobre o pensar, duvidar, questionar, refletir, interpretar explicar algo que já está posto como verdade absoluta. O mito é uma narrativa que busca tentar explicar a origem do homem, do universo e acontecimentos naturais que não possui justificativa lógica, sendo definitiva, imutável, inquestionável, não passível de sofrer crítica, por outro lado a Filosofia é sempre passível de crítica, colocada em dúvida, sempre tendo que ser justificada para obter seu respaldo, propondo sempre hipóteses novas sobre aqueles problemas enfrentados pelo homem que pareciam ter sido cristalizados.

**Desconstrução da letra da música: A Novidade[[2]](#footnote-2)**

A Novidade[[3]](#footnote-3)

A novidade veio dar a praia

Na qualidade rara de sereia

Metade o busto de uma deusa maia

Metade um grande rabo de baleia

A novidade era o máximo

Um paradoxo estendido na areia

Alguns a desejar seus beijos de deusa

Outros a desejar seu rabo pra ceia

Oh mundo tão desigual

Tudo é tão desigual

O, o, o, o…

De um lado esse carnaval

De outro a fome total

O, o, o, o…

E a novidade que seria um sonho

O milagre risonho da sereia

Virava um pesadelo tão medonho

Ali naquela praia, ali na areia

A novidade era a guerra

Entre o feliz poeta e o esfomeado

Estraçalhando uma sereia bonita

Despedaçando o sonho pra cada lado

“A novidade veio dar à praia”; “Na qualidade de Sereia”, este primeiro trecho da música faz referência a algo que se vê pela primeira vez, algo novo, que pode causar estranheza, modificar ideias, pensamentos, algo inovador, podendo gerar contrariedade, uma notícia boa ou ruim que se apresenta na praia, lugar onde pessoas geralmente passam momentos de lazer, praticam exercícios físicos, relaxam e descansam o corpo e a mente.

“Na qualidade rara de sereia…”, a palavra “rara” é um adjetivo feminino singular de raro, sendo utilizado para qualificar algo que existe em pequena quantidade, incomum, extraordinário, extravagante. A palavra sereia deriva do grego seirén, que significa cadeia, atração e provocação. A frase refere-se à sereia, personagem da qual é tratada a problemática da música. Sereia é um ser mitológico que está presente em várias histórias contadas em diferentes sociedades, desde a antiguidade grega. Para a mitologia grega, sereias são seres híbridos, ou seja, metade mulher e a outra metade peixe, belíssimas, encantadoras e desejáveis, atraíam os homens com seu canto doce, com o objetivo de levá-los ao fundo do mar e matá-los afogados. Na Grécia antiga, as sereias eram conhecidas como sirenas, uma mistura de mulheres e pássaros com voz melodiosa.

Os encantamentos do mito da sereia, assim como os descritos na música sob a ótica da crítica social, faz alusão as relações de trabalho impostas pelo modo capitalista de produção ao trabalhador, tornando o mesmo uma mercadoria, onde o capitalista se apropria de sua força de trabalho obtendo o lucro. Assim como a sereia é um mito que encanta os marinheiros, o trabalho ilude e aliena o trabalhador, condicionando e submetendo-o as relações sociais de trabalho que não provém em gênese da natureza humana. Para Marx (1844), as relações de trabalho postas pelo modo de produção capitalista ao trabalhador, o sujeitam ao nível de mercadoria, onde se tem a miséria do trabalhador relacionada com o poder e volume de sua produção. Quanto mais o trabalhador produz algo de valor para o capitalista, mais sua vida se tornará miserável em relação àqueles que detém os meios de produção e a propriedade privada da terra. É a partir da exploração do trabalhador que o capitalista consegue tornar sua mercadoria competitiva no mercado, resultando no acumulo e monopólio do capital. Por meio dessas relações sociais que a sociedade se dividi entre duas classes; as dos possuidores de propriedades e trabalhadores sem propriedades. O trabalhador produz determinado objeto, depositando tempo, esforço físico e conhecimento, convertendo-se no valor monetário de determinado produto que é elevado a um nível de maior valor do que o próprio trabalhador que converteu seu trabalho em objeto, resultando em capital para aqueles que detém os meios de produção. A alienação do trabalho em relação ao que ele produz é expressa de maneira que sua atividade produtiva não é algo espontâneo de sua natureza, mas sim externa, pois o que ele produz não é para atender as suas necessidades básicas, mas sim a de outra pessoa que detém os meios de produção e se apropria do capital gerado pela atividade do trabalhador.

 O mito da sereia pode ser comparado com a mercadoria na teoria marxista visto que, embora com desejos e finalidades diferentes todos a almejam. Em uma cultura capitalista o que você é equivale ao que você tem, não é o que você é como indivíduo, mas sim seus bens, que são entendidos como seus valores e princípios, compreendendo a chamada “ostentação”, conceito difundido por todas camadas sociais, como símbolo de ascensão social. É a partir desta ideologia que o consumo se tornou autoritário ao consumidor, criando a necessidade de ter e não de ser, tornando o homem escravo do sistema onde o marketing introduz ao indivíduo a necessidade imediata de possuir determinado produto que não compreende a realidade do indivíduo que necessita do básico para sua sobrevivência humana.

“Somente no consumo o produto recebe seu último acabamento. (…) O consumo produz a produção duplamente: 1) na medida em que apenas no consumo o produto devém efetivamente produto. (..) 2) na medida em que o consumo cria a necessidade de nova produção. (…) Se é claro que a produção oferece exteriormente o objeto do consumo, é igualmente claro que o consumo põe idealmente o objeto da produção como imagem interior, como necessidade, como impulso e como finalidade. Cria os objetos da produção em uma forma ainda subjetiva. Sem necessidade, nenhuma produção. Mas o consumo reproduz a necessidade (MARX, 2011a, p. 46-47)”.

No trecho “Metade o busto de uma deusa maia”, a sereia é vista como deusa maia, um ser místico, com sua beleza representando o marketing investido nos bens de consumo produzidos pelas empresas capitalistas, sob o modo de propaganda com objetivo de induzir o indivíduo a consumir um bem supérfluo, atendendo à necessidade individual de se diferenciar perante aos demais. As empresas produzem uma determinada mercadoria para atender um certo nicho de mercado. Para Marx sem o consumo não existe necessidade para a produção:

1) fornece ao consumo o material, o objeto. Um consumo sem objeto não é consumo; portanto, sob esse aspecto, a produção cria produz o consumo. 2) Mas não é somente o objeto que a produção cria para o consumo. Ela também dá ao consumo sua determinabilidade, seu caráter, seu fim. (MARX, 2011a, p. 47).

Nas histórias contadas onde existem sereias, elas sempre aparentam uma beleza divina, perfeita, quase que inatingível algo que o consumismo, sociedade capitalista e a mídia definem como padrões de beleza, ou seja, formas perfeitas, medidas, cabelos, estatura, estética, enfim padrões muito exigentes e difíceis de serem alcançados por pessoas comuns.

Ao fazer referência sobre padrões de beleza e perfeição, podemos utilizar como base a filosofia de Platão que pensava em um mundo onde as formas eram perfeitas. Acreditava-se na existência de padrões perfeitos de verdade, beleza e bondade, porém estes padrões não são do mundo concreto em que vivemos. Estes padrões estão presentes no mundo das ideias. Platão foi considerado um filósofo dualista por conta de sua teoria que se baseia no mundo sensível (físico, material) e inteligível (ideias, formas). O que existe no mundo sensível são apenas cópias imperfeitas do que existe no mundo inteligível onde está a verdadeira essência. Na música a expressão “deusa maia”, se refere a esta perfeição e forma tratada por Platão.

Para Platão esse universo das ideias está diretamente ligado a sua teoria da alma e corpo, sendo o corpo apenas a casca ou abrigo para a alma que nunca muda ou morre pois é eterna. O filósofo divide a alma em três partes: racional está localizada na cabeça que comanda todo o corpo, o lado irascível está onde seria o coração com seus sentimentos e impulsos, e da cintura para baixo está a parte concupiscente mais relacionada às necessidades da carne aos desejos do corpo físico.

O verso a outra “Metade um grande rabo de baleia”, poderia se equiparar também a esta dualidade do filósofo, porém, do mundo sensível, das formas imperfeitas, copiadas. Uma alma perfeita, de deusa presa em um corpo em forma de animal incompleto, limitado que busca os prazeres para se satisfazer.

No trecho “A novidade era o máximo, Um paradoxo estendido na areia”, o termo paradoxo remete a utilização que os filósofos fizeram ao longo da história para apresentarem ideias contrárias sobre uma verdade, gerando outros pontos de vista opostos formando novas ideias e pensamentos. Porém as pessoas comuns jamais culpam os governantes ou a classe dominante que detém o poder em detrimento dos dominados, sempre endeusando seus opressores com um olhar sempre de considerar a riqueza algo máximo a ser alcançado.

Segundo Descartes (1973), “[O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa, não costumam desejar tê-lo mais do que têm.](http://kdfrases.com/frase/161255)”

Nos seguintes trechos: “Alguns a desejar seus beijos de deusa; Outros a desejar seu rabo pra ceia…” o sentido do que se vê depende muito do ponto de vista de quem o vê, alguns enxergam a metade da deusa e outros somente a metade de grande peixe. Pessoas com cultura erudita, de maior instrução ou situação econômica estável, conseguem enxergar e “desejar os beijos da deusa” pelo fato de suas necessidades básicas serem atendidas de formas satisfatórias, assim sendo, podem contemplar o belo, admirar as formas da sereia, voltar seus sentimentos para o Eros…. Aos “outros a desejar seu rabo para a ceia”, certamente não estão nas mesmas condições para desempenharem olhar mais romântico, visto que pensam primeiramente em suprir suas necessidades básicas, fisiológicas. Essas necessidades básicas podem ser explicadas pela teoria de Abraham Maslow, que é representada por uma pirâmide onde são elencados alguns fatores por níveis e prioridades. Os primeiros fatores são as necessidades fisiológicas como a fome, sede, frio, abrigo, entre outras. Seguido por segurança, proteção, família. Em terceiro, as necessidades sociais, amor, amizades, aceitação pela sociedade. Em quarto lugar está a estima, respeito, confiança, conquista, reconhecimento. E por último auto realização, demonstração de capacidade de desenvolvimento e crescimento. Os olhos de quem enxerga o peixe provavelmente ainda não teve suas necessidades fisiológicas sanadas. De acordo com este autor, as necessidades podem motivar os comportamentos, pensamentos e atitudes.

No refrão “Oh mundo tão desigual, tudo é tão desigual ôôôôô”; “De um lado este carnaval de outro a fome total ôôôôô”, demonstra justamente todo o sentido da música, a desigualdade onde tudo o que se vive é diferente, alguns sempre tem mais e outros menos, ou ainda, não tem nada.

Em o Contrato Social, Jean Jacques Rousseau aborda exatamente sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Segundo este filósofo, o homem é um ser “livre por natureza”, tem por objetivo cuidar de si mesmo e pensar em si. A família para o homem é necessária para seu cuidado e desenvolvimento até chegar ao estado de independência, continuando a viver com a mesma pela convenção, ou seja, por sua vontade, escolha, afetividade.

Ainda sobre a questão da liberdade do homem, Rousseau faz a seguinte afirmativa: “Renunciar à liberdade é renunciar a qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres”. Esta frase sobre a liberdade, poderia tratar sobre as escolhas que o homem pode fazer para tornar-se livre, porém em muitas situações não existe essa possibilidade de escolha, estando condicionada às relações de poder, o mais forte dominando o mais fraco.  Também pode se pensar sobre a igualdade entre os homens, pois se são livres são iguais, e se todos são livres e iguais, nenhum tem autoridade natural sobre os outros.

Ao viver em sociedade, o homem modifica seus pensamentos, atitudes, moraliza, faz acordos e pactos para viver de forma igualitária, pensando na totalidade, sendo que seus pensamentos não são mais sobre si mesmos, mas para o coletivo. Entretanto essa igualdade entre homens, direitos e deveres é ilusória, pois para Rousseau o homem nasce bom, puro e a sociedade o corrompe. Podemos enxergar isso quando o pacto social é quebrado. O homem volta para o seu estado natural, ou seja, viver para si mesmo, tomando atitudes para se beneficiar. Neste caso podemos tanto ter um homem que conseguirá seus objetivos se tornando mais forte e poderoso, quando um homem fraco que se isola, exclui-se do meio social para viver à margem da sociedade ou ainda há aqueles que se mantém na sociedade por convenção, porém não vivem essa igualdade do grupo, mas permanecem para tentar se manter e não ser isolado.

Existe uma grande crítica por parte de Rousseau sobre as verdadeiras intenções dos governantes que não seria manter o bem comum, mas “favorecer o forte contra o fraco” aqueles que têm contra os que não têm. De fato essa desigualdade é gerada de forma proposital para que os fortes e poderosos possam dominar os fracos sem os matar. Apesar do governo e da sociedade contribuir para a desigualdade, todos se tornam iguais a partir dos direitos constitucionais.

No mundo todo existem lados opostos em muitos aspectos, na representação deste trecho da música “De um lado este carnaval de outro a fome total ôôôôô…”, de um lado temos o carnaval que é considerado uma festa popular e teve início na Antiguidade, é celebrado antes da quaresma, período específico do ano em que os católicos não comem carne. Por este motivo o nome carnaval, que seria do latim carnis levale, que significa retirar a carne. Conforme o passar do tempo, o carnaval se tornou uma festa grandiosa, com estrutura que necessita de investimento grandioso por parte de patrocinadores e pelo governo que destina uma verba para incentivo à cultura e a fomentar o turismo. O foco do carnaval é o prazer do corpo, da carne, muitos se divertem, festejam, comem, bebem, namoram, enfim, pessoas felizes, alegres em um momento de lazer. O carnaval também nos remete a política do pão e circo do império romano que consistia em promover grandes espetáculos nas arenas dos gladiadores, distribuindo pão aos famintos, consistindo em uma medida feita pelos governantes para iludir a população em geral com objetivo de manter a ordem e o povo submisso ao poder dos imperadores, desviando o olhar do povo em relação aos problemas vivenciados pela sociedade ocasionados pela forma de governo.

De outro lado temos a triste revelação de seres humanos que vivem à margem da sociedade, que se quer tem o que comer. Enquanto alguns poucos festejam, outros tantos definham por não ter a dignidade de se alimentar. Este é um dos tantos exemplos que temos de desigualdade no mundo todo e não só no Brasil, país onde o carnaval é considerado uma festa típica, entretanto onde também existem milhares de pessoas que se quer pensam em festejar, pois não têm mínimo para sua subsistência.

Nos seguintes trechos: “E a novidade que seria um sonho; O milagre risonho da sereia”; “Virava um pesadelo tão medonho; Ali naquela praia, ali na areia”; “A novidade era a guerra; Entre o feliz poeta e o esfomeado”; “Estraçalhando uma sereia bonita; Despedaçando o sonho pra cada lado”, a sereia surgindo de forma materializada na areia da praia deixou de ser algo imaterial, um sonho, um milagre, algo que apenas estava restrito a fantasia e ao imaginário do ser humano, tornando-se algo real, passível de ser apossado por alguém. O sonho ao virar realidade transforma-se em pesadelo à medida que a cauda de peixe se tornava atraente para os esfomeados que queriam matar sua fome em contraposição aos demais indivíduos pertencentes a sociedade de consumo, iludidos pela beleza da musa ali presente, tomando sua beleza como um tesouro.

Na música existe o paradoxo representado pela imagem da sereia. A novidade também é o conflito gerado por dois lados opostos, de um lado homens que defendem os sonhos, poesia, amor, sentimentalismo do pensamento artístico, razão, racionalidade e as pessoas que simplesmente agem para suprir suas necessidades fisiológicas para sobreviver, essa guerra acontece principalmente quando o homem não se utiliza da razão mas apenas da ação motivada por seu instinto para saciar sua fome, tornando-se equivalente a um animal.

A disputa pela posse das partes da sereia pelos dois grupos distintos resultou em conflito, destruindo o objeto de desejo de ambas as partes, tornando sonho em pesadelos, guerra e desgraça. A sereia não se torna o prêmio para um dos lados, visto que nesta guerra não há vencedor e os dois lados perdem, pois os dois objetivos são frustrados com a destruição da sereia.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a presente análise antropológica da música “A Novidade” composta por Gilberto Gil e Herbert Vianna, podemos considerar que a mesma pode ser utilizada como objeto de crítica à sociedade capitalista, não somente na época em que foi lançada em 1986, mas também na atualidade.

Evidencia-se que a sociedade brasileira vive um momento não apenas de crise política, econômica e ética, mas também de decadência cultural no âmbito do cenário musical, tendo em vista que o nível de produção musical par a cultura de massas na atualidade compreende letras que são pobres de crítica social, como exemplo as referentes aos gêneros musicais como o Sertanejo Universitário e o Funk, abordando em suas letras, temas que fazem apologia ao uso de drogas licitas e ilícitas, machismo e a violência, não proporcionando ao indivíduo ideias para que o mesmo possa refletir seu modo de vida e a sociedade em que vive.

Para dar suporte as ideias apresentadas no artigo, foram utilizados pensamentos de alguns filósofos como: Karl Marx; Platão; Jean Jacques Rousseau, René Descartes entre outros. As ideias geradas pela música são alegorias, comparações e paradoxos que a sereia representa naquele cenário, onde ela se transformava em um objeto, despertando interesses individuais, consequentemente gerando um conflito, terminando sem vencedores.

O tema gerador da música é a desigualdade que está presente nas situações as quais muitas pessoas estão vivenciando, algumas com muito e outras pessoas vivendo com pouco ou ainda menos. Baseado nesta desigualdade, a forma de ver a sereia, personagem principal da música, um ser mítico, belo e curioso, se torna uma dualidade entre um poeta e um esfomeado, ambos querem possui-la, um para amar a deusa que ela representa e o outro para sanar sua necessidade física por alimento através do grande peixe. Por conseguinte, podemos considerar esta análise também como uma reflexão sobre a forma como muitos países incluindo o Brasil têm sido governados e o que é de fato governar buscando o bem comum, a minimização desta desigualdade social. Se a intenção dos governantes é de erradicar as desigualdades sociais ou mantê-la mas de forma sutil. Este artigo também poderá ser utilizado para o desenvolvimento de outras pesquisas envolvendo esta temática, desigualdade social.

**REFERÊNCIAS**

DESCARTES, René. **Meditações**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. Col. Os Pensadores. Vol. XV. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Primeira, segunda e sexta Meditações. p. 93 a 106; 136-150.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011a.

\_\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos e filosóficos.** Trad. Octávio Alves Velho. In: FROM, Erich. Conceito Marxista de Homem. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 7ª. Ed. Texto: Primeiro e terceiro manuscritos. p. 89-102 / 110-127.

\_\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. Livro I, v. 2. Ed. 29. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b. Disponível em: <<https://consumoesociedade.wordpress.com/tag/karl-marx/>> Acesso em: 28 fev. 2017.

PLATÃO. **A república.** Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1996, 2 ed. p. 35; 40; 46-56 / 72-76.

PRADO JÚNIOR, Caio. **O que é filosofia?** São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 5 a 22.

ROCHA, Everardo. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 3 a 6.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social.** Trad. Lourdes Santos Machado. Col. Os Pensadores. Vol. XXIV. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 27 a 45.

1. Disponível em: <https://www.discogs.com/Os-Paralamas-Do-Sucesso-Selvagem/release/2240211> Acesso em: 26 fev. 2017. [↑](#footnote-ref-1)
2. Compositor: Gilberto Gil/Os Paralamas do Sucesso. Ano 1986. [↑](#footnote-ref-2)
3. Disponível em: < http://tudoinverso.com/2015/07/23/novidade-analise-de-letras/> Acesso em: 20 de fev. 2017. [↑](#footnote-ref-3)